

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSE DE SOUSA

Proprietor da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.768

Sexta-feira, 29 de Agosto de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua da Atalaya, 115 (1.º)

O povo não pode pagar  
o pão mais caro  
O ministro da Agricultura  
não deve fazer o  
jogo da Moagem

## O PÃO CARO

O ministério da Agricultura está transformado numa sucursal da Moagem

Parece, à primeira vista, que o ministério da Agricultura se tornou para se intensificar a produção agrícola, resolvendo, ou pelo menos, atenuando vários problemas de vital importância para a alimentação do povo. Sobre esse ponto de vista, como de resto sobre outros, não há ministério que menos se justifique e tam pouco, até hoje, não contribuiu para que se cultivasse mais uma polgada de terreno.

As únicas vantagens que aquele ministério oferece condensam-se na sua parasitagem inútil de directores gerais, que na maioria dos casos exorcem, simultaneamente, cargos bastante elevados nas moagens, e nos seus arremedos, umas moagensinhas que se governam maravilhosamente das opulentas migalhas que caem do faustoso banquete da Moagem.

O ministério da agricultura, até hoje, só tem tido como função principal consentir à Moagem que roube os consumidores e, ao mesmo tempo, os envenene. E' uma secretaria da Moagem que expõe ao público avisos que sempre se repetem e que sempre se tornam a mais não ser desagradáveis. O último aviso sobre a magna questão do pão é igual aos primeiros: que o pão, não prestando e sendo caro, vai tornar-se intragável e custar caríssimo. O actual ministro da agricultura entendeu por bem não quebrar a tradição do seu ministério.

Como ontem referimos, o sr. ministro da agricultura mandou chamar a C. G. T. para lhe comunicar o novo premeditado aumento do preço do pão, depois do paradoxalmente lhe ter exposto razões que conduzem à melhoria do pão e ao seu embaraçamento.

Os consumidores têm pois contra si, o ministro da agricultura e a Moagem, combinados e concordantes em mais lhe dificultar a vida. Desta dupla investida tem de preparar-se para se defender, sem demora, a não ser que prefiram o envenenamento e a fome.

A atitude da União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa da U. S. O. entrevista hoje o sr. ministro da Agricultura para o ouvir sobre o projectado aumento do preço do pão e fazer-lhe sentir que os salários dos trabalhadores não têm subido do modo a permitir esse aumento que mais vem perturbar a vida do país pelo agravamento das condições económicas de todo o povo.

Nesta emergência, a comissão administrativa da U. S. O. lembra a todas as classes a conveniência de se manifestarem sobre este grave problema de modo que o pão não possa ser aumentado ou a que os seus salários sejam elevados em conformidade com as necessidades da vida.

## A IMORALIDADE DOS TOUROS

A vergonha das vergonhas -- O culto da barbaridade  
Como se cria o ânimo para execuções como a dos Olivais

A caridade que foi sport deleitável de mandantes enriquecidos e aristocratas tornou-se refugio predilecto de hipocritas e de canalhas. Para que esta afirmação encontre na realidade, expressão concreta, basta evocar a especulação feita com a miséria dos fracos: a miséria dos velhos, das crianças e dos cegos. Colocou-se o problema com uma brutalidade selvagem que a ninguém deixou dúvidas. Se queriam ver a miséria que vive dos asilos liberta de necessidades rudimentares, tinham de sentir que no Campo Pequeno se assassinasse um touro.

Foi esta a caridade dos miseráveis crentes, dos nojentos bipedes da última tourada; repugnantes eles, repugnante a sua caridade, uma caridade que surgia ameaçando a miséria de estoriar de espada nua apontada ao seu peito descarado, uma caridade que enviava a miséria um "ultimatum". Esta caridade de selvagens é perigosa à vida, é inimiga lemosa de todos os pensamentos rectos. E' uma caridade de assassinos, é uma caridade de assassinos.

Nunca vimos a palavra caridade que tem sido a capa de tantos ladrões e tantos criminosos, tão enlameada, tão asquerosa, tão nauseante.

Entrou em moda chamar-se à apologetica do crime—caridade. Se ela tem a ser o refugio de todos os maus instintos, a expansão formidável de todas as cobardias, dentro em breve veremos assassinar não já um touro, mas um homem para poupar uma lágrima que bem pode ser hipócrita.

E' preciso arrancar a máscara a todos estes miseráveis, colocar corajosamente a verdade em toda esta comédia, dar aos actos e aos indivíduos que os praticam os seus verdadeiros nomes—só os nomes que mereçam.

Que importa que os adjectivos não pertençam à linguagem nobre? Quanto mais violentos eles forem, melhor. Todos servem, desde que exprimam com o maior vigor, a condenação enérgica, viril dum bando de falfatos e duma multidão de acafeiros. Ponhamos de parte todas as peias que impõem de dar exteriorização verbal aos nossos pensamentos e aos nossos sentimentos. Se as palavras forem demasiado enérgicas e os atalagados se deem por ofendidos, por sofrores de tôdas as ofensas, como as mortais, recordem-se-lhes que uma ofensa à sua dignidade humana aparente é apenas uma aflição leve, em troca da profunda punhalada que infligiram ao nosso coração e ao nosso espirito.

Amanhã teremos de presenciar a co-

média torpe dos partidários do crime, batendo palmas do mais velho regosijo pela cifra de vulto produzida pela tourada e entregue à triste miséria dos asilos—miséria triste que não tem para se defender deste insulto, a luz dos olhos, a idade adulta e a força dos músculos. Presenciamos-lhe com a maior revolta, não deixaremos de assinalar com a maior das indignações. A tourada de antemão foi o triunfo da bestialidade, sobre a consciência; a vitória de tudo quanto é ignóbil sobre tudo quanto é nobre.

A morte do touro tem de converter-se na morte da tourada. E' que a reacção contra a tourada tem de aumentar em energia na medida que os partidários desse crime aumentam em audácia e em brutalidade. De tourada em tourada, tem-se vindo a fazer uma educação anti-humana, educação a quatro patas que criou esta atmosfera de cruel bestialização, que gerou a audácia estúpida e falcina de antemão.

A morte do touro tinha sido proibida pelo ministro do interior. Apesar disso as ameaças dos brutos partidários da morte corbado dos touros, corriam a cidade, indicando que a proibição seria desrespeitada. E foi o, lo duma maneira hipocrita, ulteriormente urdida nos bastidores entre os homens da caridade selvagem e os da caridade covarde.

A autoridade não deu a não ao desrespeito. Limitou-se a sorrir primeiro, abertamente, proibido depois, com um sorriso velhaco, que se não repetisse a proeza. A multidão de brutos associou a autoridade—e autoridade invectivada pelos brutos, sorriu radiante, sentiu-se igual aos brutos, em pensamentos e em sentimentos, gozou interiormente essa homenagem bárbara.

E' que a autoridade só consente a estupidez, ainda que ela a desrespeite, não admite inteligência embora ela se manifeste dentro dos misérsos direitos estatuidos nas leis. Não nos admira a benevolência das autoridades consentindo a morte de touros; basta para isso a gente recordar a poça de sangue dos Olivais. A morte do touro é uma cobardia cruel. Está justificado o bárbaro insultamento dos Olivais. Estes dois crimes são demonstrativos do livre desenvolvimento dos maus instintos das famosas autoridades em tudo dignas de andar com os quatro patas pelo chão.

As touradas desde dos tempos longínquos em que o povo era escravo—o escravo ignorante e inculto; em que os

seus senhores eram insolentes e estúpidos e ignorantes. Os senhores usavam-nas como o seu predilecto e mais elevado e mais suntuoso divertimento. Por vaidade, pela vaidade de verem as suas façanhas presenciadas também por uma multidão de escravos que só possuía a liberdade ou antes o dever de aplaudir estrepitosamente, para não incorrer em severíssimas represálias, é que o povo podia assistir a elas. Encurralados na vida, como os touros nas praças, esses escravos aceitavam por bom tudo o que os senhores lhes impunham por bom, como tinham de repudiar por mau tudo o que os senhores assim o indicassem—embora, nisto, podesse estar a sua alegria de viver.

Os fadigos brutos desse tempo acabaram pelo hábito das touradas, por se firmarem com tôdas os brutos, ainda os das mais humildes condições. A tourada chamava a prostituição: as duas arrastavam o vinho; tudo isto reunido chamava a navalhada, o modo destro e fácil de arrancar as vísceras a um ser humano. Assim nasceram heróis nacionais: o fadista e o toureiro. E, sempre os fadistas ficaram sendo um pouco toureiros e os toureiros regularmente fadistas. Para completar estes dois heróis soberbos e iletrados, brutos e maus, foram-se buscar algumas filhas das escravas e arranjaram-se assim as Severas. Entre o vinho, a prostituição e a tourada fez dividião as vidas deliciosas dos Marialvas—e outros "marialvas" de nomes menos ostentosos, mas de igual e salda recordação.

As touradas são o anacronismo dessa época. A multidão de ante-ontem é ainda a sobrevivência, ou melhor, os dejectos dessa época. Os homens do Campo Pequeno são a defecação do alcool ingerido, do sangue podre e corrompido, da ignorância bestializada.

O sr. Teixeira Gomes condecorando, no Campo Pequeno, o "espadá Maera", condecorou a ignorância e a bestialidade. A bestialidade e a ignorância apátridam-na.

Se se condecora o crime, mais a provocação das pessoas de coração e espírito, não ficou por aí. Ontem expôs-se a exposição deve continuar hoje, numa farmácia da rua dos Fanqueiros, a cabeça do touro morto. Como essa cabeça se parece com a de muitos homens vivos! Com a diferença de que o touro corbado mente atestado defende-se com nobreza e certos homens nem nobreza possuem para se defender como os touros...

A TRAGÉDIA DO LOURICAL

## Afonso Augusto

chora amargamente as horas tristes do exílio. O grande estadista sofre!  
Basta de tanto sofrer!

No Lourical do Campo reuniu-se em lauto almôço e amena conversa as cinco «prestimosas» figuras da politica portuguesa, em cujas mãos nestes últimos anos tem estado a sorte deste maldito do país do sol, touros e missas: Afonso Augusto da Costa, António Maria da Silva, Ramos Preto, Domingos Pereira e Alvaro do Castro.

O país encontra-se na miséria, o povo paga caro o pão e tem fome, por isso os illustres homens públicos escolheram a hora luminosa do almôço para occupar-se da fome da nação.

No Lourical como-se bem. O vinho é bom e estonteante, capaz de precipitar no caminho esplendoroso da eloquência os lábios mais frios e de abrir os corações mais duros às expansões generosas—o vinho do Lourical prestou ao país assinalados serviços. Quem diria que o vinho do Lourical iria entrar, ao lado das imortais que o provaram, na Imortalidade. Quem diria que as páginas de ouro da História desta república admirável viriam a ser graciosamente tocadas de dôcos de vinho do Lourical...

O almôço, que se realizou na povoação sertaneja que tam lindamente leva, tinha uma missão: fazer falar essa esfinge parisiense e encantadora, que dá pelo chamado elegante de Afonso Augusto.

O melhor acopepe foi para Afonso Augusto; o mais fresco palheto, para Afonso Augusto; o mais ardente licoroso do Douro, para Afonso Augusto; o mais opumoso champanh, para Afonso Augusto. E ante as solicitações carinhosas dos acopepes e dos vinhos deliciosos, Afonso Augusto falou.

—Vai para sete anos—disse olhando ternamente a serra natal que recortava no horizonte azul o seu dorso amplo—abandonei o país ingrato que não soube agradecer-me o que por ele lutei. Exilei-me nesse horrôro Paris, onde a vida decorre aborrecida, como todos sabem, entre mulheres encantadoras e novidades constantes. Lá, curti amargamente as minhas dores, lá, para me entreter, sempre pelo amor que tenho à Pátria e à República, combinei ingenuamente o empréstimo dos 50 milhões de dólares.

Tive uma pausa longa, revirou o olhar para o primeiro grupo de facilitadores e tornou seu colaborador, se do ainda a entidade que levou a comissão de ministros a pronstia para a acção do projecto Beardmore. Por sua vez, os restantes ex-ministros não se preocupam com tais prejuizos, que para eles são considerados autênticas ninharias. O Estado perder vinte, trinta, conta ou cem mil contos num contrato, é coisa insignificante para os politicos portugueses.

Mas não temos apenas a opinião da comissão a que nos temos referido e que sendo composta por quatro técnicos, especialistas em assuntos ferroviários, como são os engenheiros srs. Manuel da Costa Serrão, Carlos Albers, Jacinto Duro Sequeira e João Perpétuo da Cruz, deve constituir a melhor prova sobre tudo quanto temos afirmado nesta campanha. Os grandes prejuizos ocasionados ao Estado, a forma escandalosa como foi feita a adjudicação dos trabalhos à casa Beardmore, tudo isso pode a Batalha hoje pôr em relevo e comprovar também, duma maneira eloquente e insólita, pelo despacho do ministro do Comércio que nomeou a comissão de técnicos, dr. Nuno Simões e que tendo a data de 21 de Junho do ano corrente publicamos na imprensa:

«Despacho—No presente parecer faz-se a análise de tôdas as fases por que tem passado a construção das oficinas do Barreiro desde as primitivas negociações com a Casa Armstrong até a adjudicação à casa Beardmore e põe-nos de relevo os erros técnicos e económicos se vieram sucessivamente acumulando e dêles não é o menor a adjudicação feita à casa Beardmore cuja proposta, segundo informa a Comissão, nem sequer devia ter sido considerada por estar fora das condições do concurso. Trata-se porém, dum contracto aprovado em conselho de ministros e cujas clausulas não é possível deixar de respeitar. A questão suscitada da transferência para Pinhal Novo é assunto que no

ao alto o branco dos olhos, quidam em êxtasi, e num suspiro profundo, vindo da alma, prosseguiu em mal distinta voz:

—Sofri muito. Conheci a fome e a miséria, chorei lágrimas de sangue, dilacerou-se-me o coração. A minha dor tem sido dor que se cala; hoje, porém, chegou a hora de expandir. O Lourical bendito que escutas a minha má-gua o assistes à minha dor! O Lourical da minha alma!

Sufocou-se-lhe a voz.

—Uma pinga para reanimar—acorreu Ramos Preto, carinhoso, vertendo-lhe na taça uma gota do fino.

—Sofri muito, sofri muito—repetiu o Augusto estadista.

—Temos sofrido muito e mais havemos ainda de sofrer—corrobora António Maria, cofiando tristemente a perasinha satânica.

—As dores e os desgostos, prosseguiu o pobre oxilado—não alteraram em mim o amor da Pátria e da minha querida República. Por ela servi e sirvo humildemente o Banco Nacional Ultramarino; por ela fujo, o coração alvorado, para os braços voluptuosos dos algodoeiros do Porto; por ela, me relacionei estreitamente com o Baltazar Cabral dos Tabacos e da Cal e Cimentos; por ela rendo culto à alta finança e à grande industria!

E bebendo um trago:

—O que é a Pátria? A Companhia dos Tabacos! O que é a querida República? O Banco Ultramarino! Onde está a moral da lei da Separação da Igreja do Estado? No trunfo dos algodoeiros portugueses!

Domingos Pereira, embevecido, exclamou:

—Afonso Augusto, és o maior de todos!

A comoção adejava nas faces dos convivas do Lourical. Afonso Augusto, recolhido num piedoso silêncio, chorava, sofria.

E em campônio, simples como toda a gente do povo, impressionado e bom, aproximando-se, atraído pelos trágicos gritos dos torturados comparsas daquela pequena história, vendo Afonso tam triste, tam magro, tam famélico, esquecendo a sua própria fome, gritou-lhe:

—Eh! Afonso Augusto. Vai para o governo—governa-te! Basta de tanto sofrer!

relatório vem minuciosamente exposto. Concordo, enquanto a ela, com as conclusões a que chegou a Comissão e com a solução proposta para a continuação dos trabalhos. A Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado deve, portanto, providenciar com urgência no sentido de as obras proseguirem tendo sempre em atenção a orientação indicada no relatório junto, Lisboa, 21 de Junho de 1924. O ministro do Comércio e Comunicações,—

(a) Nuno Simões.

O ministro, pois, não só confirma os erros que se cometeram, como confessa que o conselho de ministros, com a resolução que tomou, cometeu uma grave falta que agora já não pode ser desfeita.

Quer dizer, confessam-se os escândalos, demonstram-se e provam-se os prejuizos, mas na impossibilidade de se esquivarem às suas consequências, nem ao menos os responsáveis são chamados sobre as responsabilidades que tomaram.

E de resto, como nesta questão, em tôdas se procede assim.

A Batalha provará no artigo seguinte, com um assunto não menos importante, que assim é.

Uma medida repressiva da América do Norte contra a emigração clandestina

NEW YORK, 28.—Actualmente o governo americano exige a cada capitão de navio estrangeiro que pague 200 libras por cada tripulante, logo que chegue a qualquer porto americano. Essa quantia ser-lhe há devolvida quando a tripulação esteje completa no momento do navio levantar fôr. Esta medida foi motivada porque só no ano passado as deserções de marinheiros dos navios estrangeiros subiram a 9,000. Tendo que pagar 200 libras por cada desertor o navio capitão de navio deixará desembarcar os seus homens o que evitará as deserções e portanto a emigração clandestina.

## INQUILINOS—SENHORIOS

Como se ganha, sem trabalho nem capital, 9.800\$00

A rapa exploradora dos inquilinos—senhorios, com a crise cada vez mais agravada das habitações, longe de se extinguir, vai proliferando. Continuamente, vemos a esta redacção as vítimas desses exploradores referir coisas revoltantes que ficam quasi sempre impunes, a não ser que um assomo de energia dos hóspedes resolva em último recurso, impor o respeito pelos seus direitos sagrados.

Hoje arquivamos mais esse de exploração e damos à estampa o nome duma exploradora:

Na rua Brão de Sábrosa reside M'ria José Duarte — que tem de alugar três andares, no 1.º, o 3.º e a loja.

Evidentemente que esta criatura não occupa os três andares, antes os alugou para os sub-alugar em quartos. O rendimento da sua exploração atinge, anualmente, a linda soma de 9.800\$00. Longe de se contentar com este bonito lucro, conseguiu sem capital, sem canseiras, sem trabalho, pretende aumentá-lo, a custa dos hóspedes já se vê. Começou já a ofensiva contra os 3.º andar e alguns do primeiro a quem preveniu que, no fim do mês, lhes exigiria o insignificante aumento de 50%.

Os hóspedes que já estão pagando quantias elevadíssimas resolveram opôr-se a esta nova extorsão, no que procedem muitíssimo bem. Mas, a Maria José Duarte entendeu que os hóspedes não devem recalcitrar, mas vergarem-se à sua onipotente vontade, submeterem-se à sua atrevida ganância. Como tal não aconteceu—despediu-os.

Os hóspedes deliberaram não sair assistindo-lhe, nessa attitude, toda a razão. Os operários Vasco de Almeida e Viriato que residem no aludido 3.º andar vieram referir-nos o que relatamos.

Poremor saliente um desses operários paga por dois quartos 100 escudos. A renda completa dêse andar é de 50 escudos. Só com esse hóspede, o referido andar rende-lhe 100%!

Um aviso da U. S. O.

Sobre a questão do inquilinato a U. S. O. chama a atenção de todo o inquilinato para a local publicada em «A Batalha» de antemão, não sendo de mais repetir que os inquilinos se devem opôr às manigancias dos senhorios visto que a lei só passou três dias de publicação no «Diário do Governo» e que entra em vigor e sendo necessário depois disso, para elevação das rendas, notificação judicial feita pelo senhorio no prazo de dez dias.

Entretanto aguarda-se a publicação da lei para melhor ser apreciada.

## NOTAS & COMENTARIOS

Os «souteneurs» da miséria

Um Pepe Luis, que ninguém conhece e a ninguém interessa, liga o barbarismo indesculpável da tourada de antemão ao abandono em que vive a miséria dos asilos.

Mais um que vem procurar occultar a poça de sangue dum crime com as lágrimas dos cegos, dos velhos e das crianças. E' bom ir arquivando o nome deste brutinho para que os nossos leitores possam conhecer o maior número possível de souteneurs da miséria.

Ainda o Pepe

O Pepe Luis pertence ao número dos jesuitas: pela sua esperta e hipócrita argumentação. No intuito de salvar a tourada dos protestos das pessoas que vivem da consciência e não dos instintos, insinuou que era melhor combater os vícios, entre eles o da prostituição e o do jogo.

O truc é velho. Se a prostituição é atacada, surge um Pepe a insinuar que era melhor atacar o jogo. Se se ataca o jogo, vem outro Pepe gritar que é estúpido atacar o jogo quando a prostituição é um flagelo mais pernicioso e degradante.

De modo que, a dar ouvidos a estes Pepes de incommensurável moralidade, nunca se atingiria, nem com um remoque, nem com uma flor, nenhum dos vícios.

Há, realmente, um lapso: é atacar os vícios poupando os Pepes que os defendem, quando dêles não vivem...

O sr. Mota

O sr. Mota Cabral é que não está, com meias palavras, joga franco e decidido. Não mistura caridade com touros. Não senhor. A sua tese é franca, rude, brutal. Quem tem chifres—dentro de certas espécies animais—tem de pagá-los, caro e com a vida, numa arena, por meio dos artifícios da «arte de Montes». Dentro dessa ideia o sr. Mota Cabral é um suggestionista singular. Vê chifres por toda a parte: na Sociedade das Nações, nas coisas triviais da vida e na aviação. E, isto com argumentos rijo, impossíveis de destruir. E' que há chifres tam duros, que nem com grande esforço e boas lmas se rasgam. Estão neste caso as suas lógicas e corpulentas razões no Diário de Lisboa de ontem...

C. G. T.

Comité Confederal

Para continuação da discussão do aumento do pão, reúne hoje, pelas 21 e meia horas, devendo reunir o Conselho Confederal na próxima semana.

Uma grande tempestade nas costas da Nova Inglaterra

BOSTON, 28.—Fôuve uma grande tempestade nas costas da Nova Inglaterra, tendo o vento atingido uma velocidade superior a 75 quilômetros por hora.

Foram lançados à praia grande número de navios.

## NO SUL E SUESTE

## Um despacho ministerial

que confirma o que «A Batalha» publicou sobre a construção das novas oficinas. As conclusões da comissão de técnicos são suficientes para que os responsáveis sejam processados. Gozando os vencimentos. Um prémio a Rosa Mateus

O único acto, que em toda esta questão da construção das novas oficinas do Sul e Sueste, se pode considerar útil e de largo alcance técnico e administrativo, foi o da nomeação da Comissão de técnicos a que no artigo anterior fizemos referência. Essa Comissão é que realizou todo o trabalho de estudo, análise e critica, que muito anteriormente à realização dos contratos, à organização dos programas de concurso e de cadernos de encargos, devia ter sido realizado, com o que se teriam evitados os erros e os prejuizos que dêles advieram.

As conclusões a que a referida Comissão chegou, são absolutamente condenatórias do procedimento havido e põem em relevo os escândalos que se produziram e a responsabilidade das entidades que tiveram interferência na questão. Esta campanha interessou não só ao público como à imprensa e em volta dela já alguns jornais produziram comentários oportunos, que nos não podem passar despercebidos e que por nossa parte nos levam à conclusão lógica a que os próprios factos citados nos conduzem.

Depois de quanto expuzemos sobre a questão das novas oficinas do Sul e Sueste, vamos hoje colocar perante todos os jornais que se preocuparam com a mesma questão e perante o público, a confirmação documentada das acusações que formulámos e a prova de que tudo quanto a Batalha tem afirmado é rigorosamente verdadeiro.

Vejamos em primeiro lugar, a que conclusões chegou a Comissão nomeada pelo ministro do Comércio para dar o seu parecer sobre a conveniência da mudança de local para a construção das novas oficinas.

Quando a Comissão foi nomeada já estavam concluídas no recinto das antigas oficinas os seguintes edificios:

Officina de pintura e estofado. Armazem para madeiras.

Em grande parte, a oficina de reparação de carruagens e vagões. Logo, a Comissão achou-se em frente de factos já consumados e o seu parecer não podia excluir o aproveitamento do que já estava feito. Assim a Comissão, depois

de ter analisado devidamente todos os elementos que conseguiram obter, chegaram às seguintes conclusões:

1.º—Que a maior parte dos edificios do projecto Beardmore não podem, sem graves prejuizos para o serviço, serem construídos no recinto actual das oficinas do Barreiro.

2.º—Que o espaço presentemente destinado às oficinas na estação do Barreiro é insuficiente, atendendo ao efectivo do material circulante a prover para as necessidades futuras da referida linha.

3.º—Que as oficinas gerais das linhas do Sul e Sueste devam continuar no Barreiro.

Estas conclusões são a prova esmagadora dos erros produzidos e da responsabilidade que podem ser pedidas às entidades—sejam quais forem—que ordenaram os trabalhos e que não tiveram em consideração os interesses do Estado de que eram representantes. Entre essas entidades figuram a comissão administrativa dos Caminhos de Ferro do Estado, então em exercício; o ministro do Comércio que tudo aprovou a olhos fechados, o dr. Vaz Guedes e os ministros que tomaram parte no conselho que teve lugar em 2 de Março do ano findo e que confirmou a adjudicação dos trabalhos à casa inglesa Beardmore, por uma importância superior a 19.000 contos a mais do que a importância porque os mesmos trabalhos seriam feitos pela casa alemã Maschinenfabrik ou pelas restantes casas inglesas e em conjunctos excepcionalmente mais desvantajosas para a administração dos Caminhos de Ferro.

A comissão, além destas conclusões, foi também de parecer que a construção das novas oficinas fosse dividida em dois grupos, para se atender às necessidades presentes e futuras do desenvolvimento dos Caminhos de Ferro do Estado e por isso indicou essa divisão pela forma seguinte: 1.º Oficinas de reparação de locomotivas; 2.º Oficinas de construção e reparação de carruagens e vagões.

E então, resolveu indicar a construção do primeiro grupo nuns terrenos

entre Barreiro e Lavradio e o segundo grupo, no recinto onde foi erradamente iniciada a construção.

Sobre os edificios já concluídos, foi de parecer que a oficina de pintura e estofos seja utilizada apenas para serviço de pintura, ficando assim inutilizada a sua utilidade objectiva.

Sobre a execução dos trabalhos deu o seguinte parecer, que por ser muito elucidativo transcrevemos:

1.º Construção dos edificios das novas oficinas de reparação de locomotivas, estabelecimento de linhas de acesso e de resguardo, montagem das pontes rolantes e das máquinas-ferramentas novas e transferência das máquinas-ferramentas já existentes nas antigas oficinas e que sejam especialmente destinadas à reparação de locomotivas.

2.º Construção de novas oficinas de carpintaria e de montagem das caixas dos veículos, estabelecimento de novas linhas e modificação das existentes, montagem do charriot e das pontes volantes e das novas máquinas-ferramentas.

Este programa sobre a ordem da execução dos trabalhos é o único que se pode executar com vantagens de aproveitamento de materiais e de tempo e que tecnicamente corresponde às exigências dos trabalhos, mas essa execução vai alterar fundamentalmente o projecto Beardmore e isso equivale a uma série de indemnizações a que o contracto firmado obrigará. Mesmo assim, é preferível tudo isso, a reatificação dos erros cometidos, mas o que não podemos deixar passar, é a situação em que os responsáveis por todos esses prejuizos disfrutam de que, escandalosamente continua. Os membros da antiga comissão administrativa estão vencendo os seus ordenados e um dêles, o único e principal responsável—Rosa Mateus—está indigitado para delegado do governo português na Conferência que se realizará, sobre Caminhos de Ferro, em Christião.

O antigo ministro do Comércio, dr. Vaz Guedes, goza regularmente a tranquilidade na sua quinta de Arcos de Val de Vez, quando foi o ministro







## Agenda de A BATALHA

A classe está reunida em sessão permanente e manifesta-se agitada.—C



fronte, uma tal série de assassinatos na mesma família causa horror... Perturbava o espírito e cansava de seguir o fio sanguinolento, único que nos pode guiar nesse dédalo de crimes sem nome. Grande Deus! em que tempo vivemos nós?... O que verão nossos filhos?

Quando não saiam os demónios do inferno, pequena Odilla, os nossos filhos não poderão ver nada que exceda o que estamos vendo; porque já lhes disse que os crimes de Fredegonda não se podem comparar com os de Brunehaut... E se soubessem o que se passa a esta hora no esplêndido palácio de Chalons no Saone, onde essa velha rainha, filha, mulher e mãe de reis, vive em companhia de seus netos... Mas não... não me atrevo... os meus lábios recusam-se a referir essas coisas que realmente não têm nome.

Ronan tem razão. Passam-se hoje no castelo da rainha Brunehaut horrores que excedem os limites da imaginação humana, replicou Loysik estremecendo; e, dirigindo-se a Ronan, acrescentou: Meu irmão, em sinal de respeito às nossas jovens famílias, e em sinal de respeito à toda a humanidade, peço-te que não acabes...

Tens razão, Loysik, causa horror pensar que a rainha Brunehaut é uma criatura de Deus como nós, e que também como nós... faz parte da espécie humana...

Irmão Loysik, disse um dos frades lavradores, que chegou a correr; bateram à porta do mosteiro...; uma voz respondeu-me que era uma mensagem do bispo de Chalons e da rainha Brunehaut.

Este nome, proferido naquela ocasião, causou profunda admiração e certo receio.

Uma mensagem do bispo e da rainha? exclamou Loysik levantando-se e dirigindo-se para a porta exterior do mosteiro; é singular! O barco de passagem fica amarrado todas as noites, e os vigias têm ordem expressa de não atravessarem o rio depois do sol

pôrto; provavelmente esse mensageiro embarcou em Noisau e subiu o rio.

Assim falando, o superior do convento tinha-se aproximado da porta massiça e ferrolhada por dentro; muitos frades, com archotes na mão, seguiam o superior; Ronan, o moiteiro e grande número de colonos acompanhavam também Loysik; este fez um sinal, a pesada porta girou sobre os gonzos e viram-se da parte de fora, ao luar, o arcebispo e Gondowaldo, o camarista de Brunehaut; atrás destes estavam formados em linha os homens de guerra, com capacetes e coifagens, escudos sobraçados, lanças na mão e espadas ao lado.

Traição! disse em voz baixa Loysik, voltando-se para Ronan; e dirigindo-se a um dos frades, perguntou-lhe:

— Quem estava esta noite de vigia ao barco?

— Os nossos dois padres...; ofereceram-se para substituírem-nos irmãos nesta noite de festa.

Já adivinha tudo, respondeu Loysik com amargura; e dirigindo-se ao arcebispo que tinha parado, assim como a Gondowaldo, no limiar da porta, enquanto a escolta se conservava do lado de fora, perguntou ao guerreiro e ao padre:

— Quem são? que querem?

— Eu chamo-me Salviano, e sou arcebispo da igreja de Chalons e sobrinho do venerável Sidónio, bispo desta diocese... Trago-te ordens do teu chefe espiritual.

— E eu sou Gondowaldo, camarista da nossa gloriosa e ilustre rainha Brunehaut, e estou encarregado de prestar o meu auxílio e o dos meus homens ao enviado do bispo.

— Aqui está uma carta de meu tio, disse o arcebispo apresentando um pergaminho a Loysik; Lê quanto antes o seu conteúdo.

— A minha vista está enfraquecida pelos anos, um dos nossos irmãos lerá esta carta em voz alta!

— Talvez que a carta contenha coisas secretas, disse o arcebispo; aconselho-te a que mandes lê-la em voz baixa.

— Nos não temos segredo uns para os outros... Lê em voz alta, meu irmão.

— E Loysik, entregou a missiva a um dos membros da comunidade; que executou a ordem do seu superior.

Esta carta dizia, em resumo, que Sidónio, bispo de Chalons, instituiu o arcebispo Salviano abade do mosteiro de Charolles, querendo deste modo pôr termo aos escândalos e excessos que affligiam a cristandade com o exemplo daquela comunidade; devia ela ficar dali em diante rigorosamente sujeita à regra de São Bento, como estavam quasi todos os mosteiros da Gália. Os frades leigos, que merecessem este favor pela sua virtude e humilde sujeição às ordens do seu novo abade, obteriam a graça, verdadeiramente cristã, de entrarem na clereia e vir a ser frades da Igreja romana. Demais, em virtude do Canone 7 do Concílio de Orleans, celebrado havia dois anos (no ano 611) o qual ordenava que os domínios, terras, vinhas, escravos e peccúlios que fossem doados às paróquias, ficassem sendo propriedade do bispo todos os bens do mosteiro e da colónia, que formavam, por assim dizer, a paróquia de Charolles, deviam dali em diante pertencer ao bispo de Chalons, que entregava a seu sobrinho, o arcebispo Salviano, a direcção desses bens. O prelado concluiu a missiva, ordenando ao seu amado filho em Cristo, Loysik, que se dirigisse no mesmo momento à cidade de Chalons para ali receber a repressão do seu bispo e padre espiritual, e outrossim humildemente a penitência ou castigo que lhe fosse infligido. Finalmente, como poderia suceder que o irmão Loysik, por alguma sugestão diabólica, cometesse o enorme crime de desobedecer às ordens do seu padre espiritual, o nobre Gondowaldo, camarista da gloriosa rainha Brunehaut, estava encarregado por essa ilustíssima princesa de fazer executar, se necessário fosse, por meio da força, as ordens do bispo de Chalons.

Ainda bem o frade lavrador não tinha concluído a leitura desta missiva, quando Gondowaldo acrescentou com ar altivo e ameaçador:

— Sim, eu, camarista da gloriosa rainha Brunehaut, nossa muito excelente e poderosa senhora, estou por ela encarregado de te dizer, a ti, frade lavrador, que se tu e os teus tiverem o arrojo de desobedecerem às ordens do bispo, o que é possível suceder e como me faz supor o insolente sussurro que acabo de ouvir, mandar-te-hei amarrar a ti e aos mais recalcitrantes a cada dos cavalos dos meus cavaleiros, e assim os conduzirei a Chalons, apressando a andadura com o cabo da minha lança.

Vinte vezes tinha sido interrompida a leitura da missiva do bispo pelos murmúrios indignados da multidão, frades lavradores ou colonos; foi necessário a respeito da autoridade de Loysik para conseguir dos circunstantes o silêncio necessário a fim de se poder terminar a leitura da missiva episcopal; mas quando o franco Gondowaldo proferiu em tom provocador as suas insolentes ameaças, a multidão respondeu com uma explosão de gritos furiosos e de escárnio.

Ronan, o moiteiro e alguns velhos Vagros, não foram os últimos a revoltar-se contra as pretensões expoliadoras do bispo de Chalons, que queria simplesmente apropriar-se dos bens dos frades lavradores e dos colonos, contra todo o direito. Posto que encanecidos pelos anos, os Vagros sentiram ferver-lhe nas veias o antigo sangue que os incitava ao combate. Ronan, homem activo, lembrando-se da sua antiga profissão, disse em voz baixa ao moiteiro, mas com entusiasmado:

— Leva contigo vinte homens resolutos; eles encontrarão armas no arsenal, e corre ao barco de passagem a fim de cortar a retirada a estes francos... Eu me encarrego do resto; a fé de Vagros... sinto-me no vigor da idade, e como se tivesse de menos cinquenta anos!

— E eu, Ronan, durante a leitura da carta desse insolente bispo, e muito principalmente quando ouvi falar o servo dessa rainha infame, vinte vezes procurei uma espada ao lado.

E os dois Vagros andaram de um para outro lado,

## SECÇÃO DE LIVRARIA

### “A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:  
Continente—Encomendas postais até 5 quilos 500, pacotes até 2 quilos 500 gramas, e mais 40 para registro em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos 600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos 950, América do Norte—Pacotes até 5 quilos, 650.

#### Publicações sociológicas

Organização Social... 500

Antropologia... 500

A Comunidade... 500

A Macaronia... 500

Porquês... 500

Proletariado... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Religião... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Henrique Leão... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Trotsky... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500

Ultimas paginas... 500